



Entre reflexões e apropriações: a difusão da psicanálise para além do meio médico psiquiátrico carioca (décadas de 1910 e 1920)

Between reflections and appropriations: the diffusion of psychoanalysis beyond the Rio de Janeiro psychiatric medical setting (1910s and 1920s)

Rafael Dias de Castro

Universidade do Estado de Minas Gerais
Brasil

Resumo

Este artigo visa mostrar como a teoria psicanalítica circulou fora do ambiente médico psiquiátrico carioca antes de sua institucionalização no campo científico (como os da educação e o campo psiquiátrico) na década de 1920: através de médicos e intelectuais no Rio de Janeiro e em São Paulo, que se referem à teoria de Freud a partir de diferentes pontos de vista e opiniões; no ambiente leigo, em jornais de grande circulação (onde médicos clínicos receitavam a psicanálise junto a diversos outros tratamentos), como também reportagens jornalísticas que davam seus juízos sobre a teoria freudiana, proporcionando a um público variado o conhecimento acerca de tal saber.

Palavras-chave: história da psicanálise; Rio de Janeiro; jornais

Abstract

In this article we indicate how psychoanalysis began to circulate outside the Rio de Janeiro psychiatric medical setting before its institutionalization in the scientific field (such as education and the psychiatric fields): through doctors and intellectuals in Rio de Janeiro and São Paulo, who refer to the Freud's theory from different points of view and opinions; in a lay environment such as in newspapers of general circulation (where clinicians prescribed psychoanalysis with other treatments), as well as news reports giving their judgments on Freudian theory, offering a diverse public knowledge about such theory.

Keywords: history of psychoanalysis; Rio de Janeiro; newspapers

O psiquiatra¹ Juliano Moreira (1873-1932) é tradicionalmente apontado na historiografia como o primeiro divulgador da psicanálise no Brasil². Segundo autores de

¹ O presente artigo é parte modificada do segundo capítulo da tese: "*A sublimação do id primitivo em ego civilizado: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*", defendida no programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz) no ano de 2014, sob orientação da Prof. Dr^a Cristiana Facchinetti.

² No entre-guerras, as relações entre a América Latina e a Alemanha foram estreitadas (Sá, Benchimol, Kropf, Viana & Silva, 2009). A aproximação de médicos teutos e brasileiros fez parte de um processo de internacionalização das ciências e da medicina brasileira e alemã (Birn, 2006). No que se refere à psiquiatria do Brasil, Juliano Moreira foi fundamental para esse processo de internacionalização, bem como para a circulação das diferentes teorias de língua alemã. Junto com Franco da Rocha, Durval Marcondes, Julio Porto-Carrero e Antonio Austregésilo, foi um importante vetor na rede que se organizou entre o Brasil e os psicanalistas europeus no entre-guerras. Sobre o tema, ver: Facchinetti e Muñoz, 2013, pp. 251-252.



diferentes períodos, como Julio Porto-Carrero (1928/1934)³, Marialzira Perestrello (1987)⁴, Carlos Ponte (1999) e Hannes Stubbe (2011), “desde 1899 ele se ocupava da matéria na sua cátedra da Bahia” (Porto-Carrero, 1928/1934, p. 26). O que podemos afirmar com o apoio de fontes documentais é que Juliano Moreira foi, de fato, um dos primeiros psiquiatras brasileiros a se debruçar sobre a psicanálise (Facchinetti & Castro, 2015a), sendo esta objeto de estudos e debates desde 1910 na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal⁵. A década de 1910 foi também o período em que a técnica psicanalítica foi introduzida no Hospital Nacional, servindo ainda de base teórico-metodológica para teses de estudantes de medicina⁶.

O interesse por este momento inicial de recepção da teoria psicanalítica no país fez com que diversos pesquisadores se debruçassem sobre tal história (Facchinetti & Castro, 2015b), produzindo os mais variados discursos centrados principalmente nos primeiros estados brasileiros onde a psicanálise foi recebida: São Paulo e Rio de Janeiro⁷.

No trabalho de Roberto Sagawa (1989), que estudou a história da psicanálise em São Paulo, por exemplo, revelou-se que naquela cidade a psicanálise desenvolveu-se fortemente vinculada ao panorama internacional da IPA, estando centrado nas figuras de Franco da Rocha (1864-1933) e Durval Marcondes (1899-1981), apontados como os principais organizadores no início do movimento psicanalítico paulista na década de 1920. Desde 1930 o grupo paulista buscou, por demanda do então presidente da IPA, Max Eitingon (1881-1943)⁸, ajustar sua sociedade aos modelos determinados pelo Congresso de Bad-Homburg

³ Um dos primeiros esforços para demarcar a história da psicanálise foi realizado pelo psiquiatra Julio Pires Porto-Carrero (1887-1937). Considerado grande entusiasta da teoria psicanalítica no período, Porto-Carrero iniciou seus estudos sobre a psicanálise em 1918. Em 1923, tornou-se membro da *Liga Brasileira de Higiene Mental* (tendo sido seu vice-presidente no início da década de 1930) e começou a estudar com afinco a teoria de Freud, tendo, inclusive, iniciado uma Clínica de Psicanálise dentro da *Liga*, em 1926. No ano de 1928, se tornou vice-presidente da seção do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo em 1927. Em 1929, tornou-se catedrático de Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, onde divulgava e ensinava amplamente a teoria de Freud (Russo, 2005, p. 133).

⁴ Marialzira Perestrello (1916-) foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (1959 -). Ainda na década de 1940, fez parte da criação do Centro de Estudos Juliano Moreira (1944), fundado por jovens psiquiatras ligados ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, insatisfeitos com a psicanálise ensinada na Faculdade de Medicina (Ponte, 1999, p. 80).

⁵ Esta Sociedade foi fundada por Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, em 1907 (Venancio, 2005, p. 62), tendo Juliano Moreira como seu diretor até a data de sua morte. Essa instituição surgiu dois anos após a criação, também por Peixoto e Moreira, do periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (1905), primeiro periódico para a divulgação das produções psiquiátricas nacionais (Facchinetti & Muñoz, 2013, p. 247).

⁶ Nos referimos aqui a tese de Genserico Aragão de Souza Pinto, intitulada *Da psicanálise: a sexualidade nas nevroses*, defendida em dezembro de 1914 e aprovada com distinção. Tal estudo foi orientado por Antonio Austregésilo, a quem Genserico Pinto agradeceu pela “poderosa influência intelectual e pelo conforto moral recebido nesses três felizes anos” (Pinto, 1914, p. 1). Ou seja, desde 1911 Genserico Pinto, sob orientação de Austregésilo, dedicava seus estudos à psicanálise. Nessa mesma parte, Pinto ainda agradecia ao “notável psiquiatra e psicanalista prof. Juliano Moreira, pelo grande interesse que tomou pelo trabalho” (Idem, p. 1).

⁷ Há também uma historiografia que relata as primeiras leituras e apropriações da psicanálise, ainda na primeira metade do século XX, na Bahia (Garcia, 2010) e no Rio Grande do Sul (Zimmermann, 2002).

⁸ Max Eitingon presidiu a *International Psychoanalytic Association* (IPA) entre os anos de 1927 e 1933 (ano de sua morte).



(1925)⁹, tendo seu esforço sido coroado pela vinda da psicanalista alemã Adelheid Koch (1896-1980) como didata ainda no ano de 1936 (Oliveira, 2001).

Vale dizer ainda que em São Paulo a psicanálise foi fortemente repudiada pelo meio psiquiátrico, tendo se expandido inicialmente na universidade, junto à Faculdade de Filosofia e, em seguida, apoiada pela IPA (Oliveira, 2001). Uma das hipóteses para tal resistência pode ser talvez buscada na “fragilidade da estrutura psiquiátrica local, o que pode ter implicado a necessidade reiterada de assentamento de verdades mais convencionais e um posicionamento mais rígido diante de alternativas à psiquiatria” (Facchinetti & Ponte, 2003, p. 4-5).

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a psicanálise circulou livremente dentro do principal hospital psiquiátrico do país, em meio ao *establishment* médico (Castro, 2015). Conforme ressaltaram Cristiana Facchinetti e Carlos Ponte, Juliano Moreira, bem como outras grandes autoridades da psiquiatria do país - Henrique Roxo (1877-1969), Antônio Austregésilo (1876-1960) e Júlio Porto-Carrero (1887-1937), por exemplo - foram muito importantes para a difusão da obra freudiana, sendo, inclusive, responsáveis por muitas das primeiras traduções de Freud para o português, mas trouxeram com tal absorção pouco interesse na criação de uma sociedade psicanalítica na capital (Facchinetti & Ponte, 2003, p. 4). Tal diferença distanciou as duas associações, inicialmente agrupadas por iniciativa da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo¹⁰, e o processo de institucionalização nos moldes da IPA se iniciou no Rio de Janeiro apenas em 1944, só tendo um desfecho no início dos anos de 1960 (Melloni, 2009).

Diante dessas diferenças de recepção dentro do contexto brasileiro, assim como o fato de que a história hegemônica costuma atrelar os destinos do grupo paulista ao percurso da psicanálise no Brasil (Almeida, 1995; Ponte, 1999; Melloni, 2009), optamos por centrar a análise no Rio de Janeiro, a fim de destacar as peculiaridades dessa experiência. Foi assim que no primeiro capítulo de nossa tese (publicada em livro: Castro, 2015), intitulado “*Entre a teoria e a prática psiquiátrica: recepção e circulação da psicanálise no Rio de Janeiro*”, discutimos sobre os primeiros tempos da psicanálise no Rio de Janeiro, demonstrando que ela se inseriu, primeiramente, nos debates teóricos dos psiquiatras sobre as categorias das doenças mentais, delineando os primeiros interessados na teoria psicanalítica no contexto carioca. A partir deles, determinamos como foram sendo incentivados novos leitores a se interessarem por tal

⁹ Naquele congresso foi acordado que a formação psicanalítica, desenvolvida pelo Instituto Psicanalítico de Berlim seria o modelo padrão de formação para todas as sociedades pertencentes à Associação Psicanalítica Internacional, compreendendo a análise didática, o ensino teórico e o trabalho clínico supervisionado (Ponte, 1999, p. 61-62).

¹⁰ A Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo em 1927, não somente fundou um núcleo no Rio de Janeiro no ano de 1928 como também transferiu sua sede para tal cidade. Conferir capítulo 2 da tese: Castro, 2015.



teoria, mostrando que a psicanálise começou a se infiltrar, também, em outros ambientes que não somente o meio médico psiquiátrico carioca.

Deste modo, especificamente neste artigo, apresentamos como alguns médicos e intelectuais das décadas de 1910 e 1920 no Rio de Janeiro e em São Paulo passaram a se referir à teoria de Freud, gerando as mais diversas opiniões e repercussões. Além disso, mostraremos como a psicanálise começou a circular no ambiente leigo, como nos jornais de grande circulação, onde aparecia desde médicos clínicos receitando a psicanálise junto a outros tratamentos, como também reportagens que davam seus juízos sobre a teoria freudiana, proporcionando a um público diverso o conhecimento acerca de tal saber.

A recepção da psicanálise para além do meio médico psiquiátrico carioca

A tese de Genserico Pinto, escrita em 1914, ressaltava a habilidade extrema que era necessária para o aprendizado teórico e o uso prático da psicanálise. Segundo ele, o método de Freud só daria bons frutos “nas mãos de um especialista completo e cujas qualidades morais lhe emprestem a calma, a paciência e a dedicação indispensáveis ao tratamento do doente, que em geral dura longos meses e mesmo anos inteiros” (Pinto, 1914, p. 93).

Diante de tal complexidade, a necessidade de explicação de seus pressupostos se tornava cada vez mais imprescindível, na medida em que era unânime a opinião de que somente dominando teoricamente tal conhecimento era possível difundi-lo e torná-lo aceitável e disponível na prática para os psiquiatras brasileiros. A opinião do psiquiatra Juliano Moreira, em 1920, era que a psicanálise já estava longe da fase de “condenação quase absoluta com que nos primeiros tempos foram fulminadas as afirmativas do professor vienense” (Moreira, 1920, p. 366). Se esse tempo de condenação já havia passado, permaneciam ainda visões críticas muitas vezes através de nomes importantes do meio médico e intelectual carioca.

Esse era o caso, por exemplo, do médico Afrânio Peixoto (1876-1947)¹¹, que expôs a seguinte conclusão no capítulo sobre Literatura Infantil de seu livro *Ensinar a ensinar*:

A infância é uma sublime antecipação. A menina desde antes dos dois anos, já é mãe: que o digam os carinhos às suas bonecas, amadas e cuidadas ternamente, e isso todos o sabemos, antes de Freud. O menino, ao mesmo tempo, com um junco bate os móveis ou os pequenos animais, dirige um carro, marcha e comanda, revelando-se dominador na ambição e no gozo desse instinto de poder, que decide e impera, e isso todos o sabemos, antes

¹¹ Júlio Afrânio Peixoto formou-se em Medicina em 1897 na Faculdade de Medicina da Bahia. Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1902, onde foi diretor do Hospital Nacional de Alienados e catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi deputado federal pela Bahia de 1924 a 1930, professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932) e reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935 (Maio, 1994, pp. 75-76).



de Adler. A psicanálise apenas nos abriu mais os olhos! (Peixoto, 1923, p. 150).

Essa passagem é significativa, pois demonstra Afrânio Peixoto ressaltando que, com a psicanálise, era possível compreender melhor algumas características do “espírito infantil”, já conhecidas por um bom observador, mas que se tornavam evidentes agora com o auxílio da teoria de Freud. Durante sua trajetória profissional, Peixoto não se furtava a citar a teoria de Freud ou de seus discípulos e, além disso, encorajava aqueles que se interessavam por ela a compreender e retirar “o que de bom” poderia existir em tal teoria (Peixoto, 1923, p. 151).

Podemos verificar tal fato em sua relação com Arthur Ramos (1903-1949)¹². Além de prefaciado um livro de Ramos, Afrânio Peixoto sugeriu o nome, conforme nos revela sua carta: “Caro Arthur Ramos: Sobre o prefácio, de acordo. Uma vez que me deixe “batizar o menino”, será: *Freud, Adler, Jung... Psicanálise ortodoxa e herética*. O subtítulo pode ser outro, ou mesmo dispensável” (Peixoto, 1933, 3 de março). O livro foi lançado com o título sugerido, acrescido das palavras “Ensaio de” antes do subtítulo. Além disso, o livro trazia em destaque, na contracapa, a referência: “prefaciado por Afrânio Peixoto”. Nesse prefácio, de quatro páginas, Peixoto se referia a Freud como um “profeta de Israel” – um profeta judeu:

Marx destrói a economia tradicional, capitalista. Bergson degrada a razão, subalterniza a inteligência. Einstein contesta a relatividade à ciência, dando-nos certezas absolutas: a medida irreformável (...). Freud, apenas um médico, analisou sintomas, organizou complexos, debruçou sobre a alma humana, e do que vê vai tirando incestos, pederastias, caracteres “anaís”, moral dos “esfíncteres”, sonhos eróticos, lapsos hipócritas, crimes e criminosos latentes (Peixoto, 1933, pp. 6-7).

Denominando Freud como um “profeta judeu”, Afrânio Peixoto salientava um problema no modo como os seguidores de Freud lidavam com sua teoria. No seu entendimento, a teoria freudiana poderia ainda ser ampliada, melhor esclarecida, mas não emendada, aperfeiçoada, pois a confiança depositada nos escritos de Freud era tamanha que aqueles que divergiam eram “expulsos da Sinagoga. Foi o que aconteceu a Adler, a Jung... Acontecerá a qualquer um que pretenda colaborar, discutir... E ainda é bom, assim, pois que Freud vive. Quando morrer, em vez de relativa ciência, tabu!, será integra religião!” (Peixoto, 1933, p. 8). Sua conclusão era que a psicanálise se tornava uma doutrina onde os seus

¹² Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926 com a tese de doutorado, defendida aos 23 anos de idade e publicada no mesmo ano pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia, sob o título *Primitivo e loucura*, na qual inspirava-se nos estudos de Levy-Brühl, Freud e Jung. Ainda na Bahia, redigiu os seus *Estudos de psicanálise* em 1931, *Freud, Adler e Jung e Psiquiatria e psicanálise* em 1933. Em 1934 fixa-se no Rio de Janeiro e passa a dirigir a Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. No mesmo ano, escreve *Educação e psicanálise*, com base principalmente em Adler. Por essa época, escreve também *Os furtos escolares* (1939) e *A criança problema* (1939) (Penna, 2001).



discípulos, quase cegamente e levianamente, seguiam seu “profeta” sem nenhum tipo de crítica e/ou julgamento.

Esse comentário de Peixoto deixava evidente sua reserva em relação ao novo saber: ao contrário da “ciência, que se melhora, se ajusta, ‘verdade’ relativa, incerta, que elimina erros, para ficar menos incerta, mais ‘verdadeira’” (Peixoto, 1933, p. 8), os interessados na psicanálise no Brasil não se abriam a opiniões divergentes, muitas das quais pretendiam mesmo colaborar com seu próprio desenvolvimento. O livro de Ramos seria uma dessas opiniões críticas, pois apresentava a psicanálise da seguinte forma:

Sem ironia ou humor, seriamente, competentemente, cientificamente, é o que faz o jovem sábio Dr. Arthur Ramos, freudista lúcido, que não abdicou de sua luminosa razão à crença, e estuda a doutrina de Freud e as subdoutrinas heterodoxas, e as estuda para nós todos que não queremos crer, mas queremos saber. Conhecimento e não religião. Estuda nas fontes, da boca ou da língua mesmas obscuras dos profetas, e nos diz em forma sedutora e compreensível, que todos logram e admiram. Não precisa de mais, e é tudo! É todo o muito mérito deste belo livro! (Peixoto, 1933, p. 8).

Ler o livro de Ramos era importante, afirmava Afrânio, para saber mais a respeito de tal teoria, e não para “louvar um profeta, uma religião”, pois Ramos estudara também autores que criaram contrapontos dentro da própria psicanálise, e não fora dela. Assim, a crítica de Peixoto se dava objetivamente em relação à crença absoluta e inquestionável à psicanálise, e não simplesmente ao saber que dela advinha e em suas possíveis verdades que professava e continha.

Existiram leituras, também, que buscavam compreender aspectos inerentes ao próprio desenvolvimento da teoria, procurando relacionar as ideias e pressupostos psicanalíticos com o contexto sociocultural e científico brasileiro. Essas questões estavam no cerne da preocupação de Medeiros e Albuquerque, intelectual de grande prestígio e político de muita influência no período¹³. Seu texto foi citado por diversos leitores brasileiros de Freud e pode ser considerada uma fonte primária para esses atores.

Medeiros e Albuquerque lia Freud em inglês e dizia ter chegado à psicanálise através de seu interesse pelo hipnotismo (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 104). Para ele, a psicanálise havia aberto uma possibilidade de entendimento de diversos problemas humanos, principalmente de ordem psicológica. Em uma conferência realizada no dia 18 de novembro de 1919 na Policlínica do Rio de Janeiro, a convite da Sociedade Brasileira de

¹³ José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi um escritor, jornalista, político e professor brasileiro. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ocupante da cadeira 22) e letrista do Hino à Proclamação da República. O próprio Medeiros e Albuquerque dizia ter tido contato com a psicanálise por conta de seu interesse na técnica do hipnotismo (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 11). Medeiros e Albuquerque era irmão mais velho de Maurício de Medeiros (1885-1966), importante personagem no apoio para a formação das primeiras sociedades psicanalíticas vinculadas à IPA, nas décadas de 1950 e 1960 (Melloni, 2009, p. 91).



Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, Medeiros e Albuquerque procurava, primeiramente, explicar ao público os principais pressupostos da teoria de Freud.

Segundo ele, a psicanálise trazia três grandes inovações. A primeira dizia respeito a distinção entre consciente, subconsciente e inconsciente, que “não é original do autor austríaco, mas sua originalidade está no modo pelo qual ele explica a formação dessas divisões e no modo pelo qual ele mostra que elas agem” (Medeiros e Albuquerque, 1919, p. 888). Uma segunda inovação estava no modo como Freud classificava as nevroses, as dividindo entre “nevroses propriamente ditas ou nevroses atuais e psico-nevroses. O mais interessante é saber a etiologia que ele atribui a esses dois grupos” (Idem, pp. 896-897). Essas discussões haviam sido apresentadas também por Genserico Pinto em sua tese de 1914.

A outra inovação, que para Medeiros e Albuquerque era a mais original e que talvez atraísse a maior atenção, eram os estudos sobre a interpretação dos sonhos. O autor chamava a atenção para o fato de que Freud via o sonho como uma expressão de um desejo e, sempre que se almejasse analisá-lo, seria necessário aliar a interpretação do conteúdo manifesto no sonho ao seu conteúdo real: “Freud acha que cada sonho é interpretável pelas ideias pessoais do indivíduo, ideias que, em cada caso, se torna necessário trazer à luz. Isso não quer dizer que não haja certo número de símbolos de uso geral” (Medeiros e Albuquerque, 1919, p. 905).

Medeiros e Albuquerque se baseava em alguns ensaios do próprio Freud, como a *Interpretação dos sonhos* (1900) e a *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Sua conferência parece quebrar um preconceito inicial que o próprio autor chamara a atenção: a psicanálise já era conhecida de alguns poucos médicos brasileiros, mas não havia se difundido no país ainda “pois nós só recebemos ideias científicas por intermédio da França. Ora, em francês só se publicou até hoje um volume a esse respeito, escrito pelo professor Régis e pelo professor Hesnard. É um livro mau, um livro mal feito” (Medeiros e Albuquerque, 1919, p. 887). A opinião de Medeiros e Albuquerque era que o modo como se davam as leituras e interpretações sobre a psicanálise no Brasil naquele período eram baseadas no estabelecido pelos autores franceses, sem nenhum tipo de questionamento e reflexão por parte dos leitores brasileiros¹⁴.

De acordo com Medeiros e Albuquerque, entretanto, não haveria qualquer outro livro em francês sobre o assunto, restando ao leitor brasileiro apenas tal referência. Daí a importância de sua comunicação, que propiciava ao público interessado acesso a outra fonte para maior entendimento sobre os pressupostos da psicanálise, para além das referências trazidas pelos autores franceses. Além disso, o próprio autor ressaltava que o livro de

¹⁴ O próprio Freud já havia se referido à recepção da psicanálise na França dizendo que, entre os países europeus, era onde havia o ambiente menos receptivo a sua teoria. Segundo ele, Régis e Hesnard haviam tentado “diluir os preconceitos dos seus compatriotas contra as novas ideias com uma minuciosa exposição, a qual, entretanto, nem sempre denota compreensão, sobretudo no tocante ao simbolismo” (Freud, 1914/1996, p. 41).



Emmanuel Régis e Angelo Hesnard¹⁵ demonstrava como a teoria de Freud “repugnava ao espírito francês”, pois além de sua técnica complexa, chocava devido aos assuntos em que se debruçava. Essas discussões assustavam mais ainda os intelectuais brasileiros, pois a “doutrina envolve muitas questões sexuais e a sexualidade é a principal fonte de cômico para os povos latinos, isso faz com que as asserções de Freud pareçam ao primeiro aspecto francamente grotescas” (Medeiros e Albuquerque, 1919, p. 887). Ou seja, para Medeiros e Albuquerque, um contexto sociocultural onde as questões sexuais eram tabus, “imorais”, aliado ao fato de que a visão francesa sobre a psicanálise reforçava tal preocupação, eram, em grande parte, responsáveis pela ampla e/ou total opinião negativa sobre a teoria freudiana em solo brasileiro.

Mas essa visão não era uma particularidade dos interessados em Freud no Brasil. Como bem demonstrou o historiador argentino Mariano Ben Plotkin, na Argentina a influência da cultura francesa também era importante, e a psicanálise também foi recebida primeiramente pela ótica francesa de leitura da teoria (através, principalmente, de comentaristas como Régis e Hesnard). Segundo Plotkin, a consequência foi que, tal qual a abordagem francesa, os médicos leitores de Freud na Argentina “rechaçavam o pansexualismo de Freud e tinham menos problema em aceitar a técnica psicanalítica do que tolerar sua teoria psicológica” (Plotkin, 2009, p. 67). Comparando a recepção da psicanálise na Argentina e no Brasil, Mariano Plotkin afirmou que os médicos brasileiros pareciam ter sido mais receptivos à psicanálise que os médicos argentinos. No caminho oposto aos argentinos, os médicos brasileiros davam foco maior à sexualidade porque a psicanálise representava, em certo sentido, a possibilidade de colocar no centro das atenções formas de intervenção e de controle por parte do campo médico à sociedade em geral (Idem, p. 74).

Essa conclusão é proveitosa quando consideramos o período posterior à comunicação de Medeiros e Albuquerque e de outra importante contribuição: o livro do psiquiatra paulista Franco da Rocha¹⁶ intitulado *O pansexualismo na doutrina de Freud* (1920). Essas duas publicações colocaram em evidência a teoria psicanalítica e trouxeram outros meios de informações aos leitores interessados, ressaltando que a teoria poderia auxiliar principalmente na explicação acerca da “psicologia humana”.

Em 1920, Franco da Rocha lançava seu livro dando ênfase ao tratamento dado pela psicanálise às questões sexuais, a sexualidade infantil e suas relações com as doenças mentais. O autor apresentava as fases examinadas por Freud a respeito da sexualidade

¹⁵ Emmanuel Régis (1855-1918) e Angelo Hesnard (1886-1969), ambos psiquiatras, escreveram o livro *La Psychoanalyse des névroses et des psychoses. Ses applications médicales et extra-médicales*, publicado em 1914 na França. De acordo com Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Angelo Hesnard pode ser considerado “um puro representante da ‘psicanálise francesa’ germanófoba e hostil ao pretensão pansexualismo freudiano” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 333).

¹⁶ Francisco Franco da Rocha (1864-1930) foi um renomado psiquiatra paulista. Ainda no século XIX, durante a década de 1890, concebeu e administrou o Asilo de Alienados do Juquery e sua colônia agrícola em São Paulo, a partir de 1901 (Pacheco Filho & Antunes, 2001).



infantil, tomando como referência principalmente os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Assim, Franco da Rocha ressaltava as diferentes fases do desenvolvimento infantil, os modos de excitação sexual e as zonas erógenas correspondentes que surgiam a cada etapa, e os “riscos” de não se atentar para o “desenvolvimento saudável” de tais fases da vida infantil (Rocha, 1920).

Porém, o que queremos ressaltar aqui foi a repercussão com o lançamento de tal livro, que colocava a sexualidade no centro de discussão e, mais ainda, realçava a existência das manifestações psicológicas relativas à sexualidade já na primeira infância. A repercussão com a publicação do livro foi bastante negativa, levando, por exemplo, a que seu autor modificasse o nome da obra no relançamento em 1930: a obra passava a se intitular *A doutrina de Freud*, retirando com isso a nomenclatura que realçava ser a teoria *pansexualista*¹⁷.

Mas essa foi apenas umas das consequências dessas repercussões. A principal delas foi relatada por Durval Marcondes, em entrevista à Roberto Sagawa:

Por volta de 1925, num domingo à tarde apareceu na casa dele (Franco da Rocha) o doutor Luiz Pereira Barreto. O dr. Luiz Pereira Barreto era um grande cirurgião, um homem de grande cultura (...). Franco da Rocha me disse que tinha a impressão de que estava sendo submetido a um interrogatório psiquiátrico. Depois de uma certa conversa, Pereira Barreto levantou-se e disse: “Eu vou contar para você o que é que eu vim fazer aqui. Eu vou voltar agora para a casa de Arnaldo Vieira de Carvalho (que era o diretor da recém criada Faculdade de Medicina de São Paulo) onde estão reunidos vários colegas e amigos nossos. Estamos reunidos para estudar o seu caso porque consta por aí que você está louco, porque você escreveu um livro absolutamente incompreensível, um livro muito estranho. Eu não acreditei, mas me deram um exemplar pra ler e, acabada a leitura, eu tive que aceitar que você estava mesmo louco. Mas agora, depois dessa conversa, vejo que você não está louco. Eu vou lá para a casa do Arnaldo. Eles estão ansiosos à minha espera. Você pode ficar tranquilo porque você está em perfeita saúde mental (Marcondes citado por Sagawa, 1989, p. 40).

Esse depoimento demonstra que, na década de 1910 e início da década de 1920, se apropriar da psicanálise, se referir a ela, poderia não ser entendido como uma maneira inovadora ou uma forma de apresentar uma ferramenta adequada para a psiquiatria discutir e/ou intervir nas doenças mentais, mas talvez mesmo um sintoma de um desvio mental, moral e comportamental. O fato de apresentar, de forma contundente, as discussões sobre a sexualidade e sua relação com o desenvolvimento mental (principalmente na infância, como ressaltava o livro de Franco da Rocha), chocava o público leitor e feria a moral da época (Oliveira, 2001).

¹⁷ Em entrevista a Roberto Sagawa, Durval Marcondes afirmou que, por sua sugestão, Franco da Rocha reeditou a obra em 1930 abolindo o “pansexualista” do título, pressionado que estava também pelo ambiente médico da época. (Marcondes citado por Sagawa, 1989, p. 34).



A psicanálise nos periódicos do Rio de Janeiro

Diante de importantes repercussões e também acusações, a psicanálise começava a se inserir não somente no meio médico brasileiro, mas ao mesmo tempo começava a se tornar um conhecimento acessível ao público leigo. Nos periódicos cariocas, por exemplo, ela começou a ser noticiada e citada em diversas matérias, principalmente depois de 1920 (como vimos, depois da publicação dos textos de Medeiros e Albuquerque e Franco da Rocha)¹⁸.

Na *Revista da Semana*, publicada semanalmente aos sábados no Rio de Janeiro, existia desde 1921 a coluna “Consultório Médico”, assinada pelo Dr. Veiga Lima¹⁹. Tal coluna se dedicava a responder algumas correspondências (que não eram publicadas no jornal) enviadas por pacientes de todo o Brasil, que descreviam seus problemas e recebiam os diagnósticos e sugestões de tratamento, além da indicação se deveriam ou não consultar pessoalmente um médico. Em alguns casos, era indicado ao paciente o tratamento pela psicanálise.

O Dr. Veiga Lima afirmava que a análise psíquica segundo o método de Freud era importante por revelar a complexidade da alma humana e por buscar uma solução para as “horas dolorosas da vida” (Veiga Lima, 1924, 23 de fevereiro, p. 42). Veiga Lima dizia ler muito Freud e “achar interessante a sua doutrina do pansexualismo” (Idem, p. 42). Quando citava alguma referência aos textos psicanalíticos, em quase todos os casos era ao livro de Franco da Rocha a que se referia, fazendo sempre a ressalva de que “o exagero de Freud é querer que todas as manifestações do ser girem em torno do instinto sexual” (Idem, p. 42).

Na publicação de 16 de julho de 1921, em resposta à senhora Adelia Sequeira, do Rio Grande do Sul, o Dr. Veiga Lima recomendava, de início, que ela usasse “1 pastilha de gyraldose para 2 litros d’água” (Veiga Lima, 1921, 16 de julho, p. 34). Gyraldose era um produto de higiene feminina, que tinha como função “higienizar e perfumar” as partes íntimas da mulher. Aliado a essa ação, o médico afirmava que, no caso da paciente, “empregaria com sucesso a psicoterapia segundo os processos da psicanálise de Freud” (Idem, p. 34). Além disso, seria importante o cuidado com a alimentação, com a “ingestão de verduras e ovos, alimentos que contém cálcio e fósforo” (Idem, p. 34). O prognóstico do Dr. Veiga Lima era que a “instabilidade psíquica” pela qual a paciente passava desapareceria

¹⁸ Chegamos a essa conclusão devido à pesquisa realizada no site do projeto *Hemeroteca digital brasileira* (da Biblioteca Nacional - RJ), onde estão disponibilizados vários periódicos correntes no período aqui focalizado. Como palavra-chave de pesquisa, utilizamos as diversas grafias que a palavra referente à teoria de Freud recebeu no período: *psychanalyse*, *psicanalyse*, *psycanalyse*, *psicanalyse*, *psicanálise*. Gostaríamos de ressaltar, também, que o levantamento de informações que nos permitiu tal assertiva somente foi possível devido à iniciativa e trabalho louvável de tal instituição em digitalizar e disponibilizar tais acervos na internet.

¹⁹ Carlos da Veiga Lima, filho do também médico José Faustino da Veiga Lima, foi um escritor e médico clínico no Rio de Janeiro. Participou da cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Colônia de Alienados de Jacarepaguá, em 1920 (Editorial, 1920, 30 de maio, p. 5). Tornou-se inspetor de ensino no Liceu de Humanidades na cidade de Campos (RJ), em 1922 (Editorial, 1922, 29 de março, p. 4). Aparecia, frequentemente, em eventos sociais de juízes, deputados e outras personalidades apresentadas na *Coluna Social*, do *Jornal O Paiz*.



“com as medidas de higiene e as acertadas prescrições médicas” (Idem, p. 34) que havia lhe passado.

Como vemos, a psicanálise era utilizada por ele como mais uma possibilidade de intervenção nos estados de “instabilidade psíquica” ligada às questões pessoais do paciente, que não poderia deixar de vir aliada a uma boa alimentação e ao cuidado higiênico das partes íntimas. Além disso, para o tratamento correto dessas enfermidades, o Dr. Veiga Lima sugeria aos pacientes “dizer ao médico as suas angústias íntimas, os seus cuidados morais, os desequilíbrios do sentimento, que são, afinal, causas de moléstias e psiconevroses” (Veiga Lima, 1924, 9 de agosto, p. 46). Essa atitude era crucial, pois a aplicação da psicanálise às questões sexuais era “de difícil experiência, mas que tenho tentado em alguns casos com relativo sucesso” (Idem, p. 46).

A psicanálise era indicada pelo Dr. Veiga Lima também para pacientes do sexo masculino. Ao paciente Da Silva, do Maranhão, o médico receitava “o uso diário de 2 a 3 comprimidos de Biointer, e injeções de soro lipotônico masculino” (Veiga Lima, 1923, 22 de setembro, p. 41). O soro lipotônico era um tônico que servia para “acalmar o sistema nervoso”²⁰. Já o Biointer era um “um remédio contra a insuficiência sexual masculina” (Freitas, 2008, p. 168). A propaganda de tal medicamento dizia: “receitado com sucesso animador, no infantilismo, eunucodismo, desenvolvimento deficiente dos órgãos reprodutores, frigidez, velhice precoce, neurastenia sexual. Comprimidos: 3 por dia” (*citado por* Idem, p. 168).

Esses tratamentos poderiam facilitar a investigação sobre a “influência do inconsciente no domínio da vida psíquica através do método de Freud (tudo girando em torno do instinto sexual)” (Veiga Lima, 1923, 22 de setembro, p. 41). Para o Dr. Veiga Lima, a psicanálise auxiliava no tratamento das questões sexuais porque sua principal influência incidia na “redução da imaginação e não na diminuição da vontade” (Veiga Lima, 1922, 11 de novembro, p. 47). Em outras palavras, para Veiga Lima, o paciente pronunciando ao médico suas “aflições relativas ao sexo” retirava de “sua cabeça” pensamentos e manifestações fantasiosas, diminuindo assim suas ideias “impuras” que estariam causando suas perturbações (Idem, p. 47).

Além do médico Veiga Lima, outro personagem interessado na psicanálise foi Carlos Dias Fernandes²¹, que afirmava que a teoria de Freud era uma “neo-psicologia que ainda braceja nas trevas, tanto assim que seu divulgador, Freud, é para tantos um gênio como

²⁰ Informação encontrada na nota publicitária “Productos do Laboratório de Biología Clínica” vinculada nos *Arquivos Rio Grandenses de Medicina* (1942, p. 36).

²¹ Carlos Dias Fernandes (1874-1942) foi um intelectual nascido na Paraíba, que viveu seus últimos anos de vida no Rio de Janeiro. Sua produção versava sobre a questão educacional, tendo sido seu período mais profícuo de produção intelectual principalmente entre os anos de 1913 a 1925, quando o mesmo exerceu o cargo de diretor da imprensa oficial paraibana (Galvínio, 2012, p. 197). Fernandes parece ter tido contato com a psicanálise através de livros e/ou palestras de Antonio Austregésilo, único autor citado em sua matéria.



Darwin, como Lombroso, e para tantos outros um pobre *detraqué*, cujas lucubrações não tem nenhum valor científico” (Fernandes, 1925, 5 de dezembro, p. 1). Nessa matéria, Fernandes pretendia apresentar a um público mais amplo a teoria de Freud, recorrendo a Antonio Austregésilo para obter maiores informações sobre ela. Austregésilo lhe passou um “texto escrito de próprio punho” (Idem, p. 1) explicando a psicanálise de Freud, permitindo que o utilizasse em sua matéria.

As passagens recortadas por Fernandes mostravam não somente os principais pontos da teoria como também as relações dessa com o trabalho clínico. Em umas dessas passagens, Carlos Fernandes ressaltou a seguinte opinião de Austregésilo: “A psicanálise clínica é o método pelo qual o médico procura na alma do doente arrancar os afetos ou desejos que lhe perturbam a vida moral e cujos estados afetivos encontram as suas raízes na vida sexual” (Idem, p. 2). Mas para Fernandes a psicanálise era de difícil entendimento e manejo, pois trabalhava com questões psicológicas, “imateriais”, sendo difícil materializar essas questões num plano físico: “Se as manifestações do espírito, a libido inclusive, que vive sob o império da censura, são coisas imateriais, rolemos suave para os doces abismos da metafísica, que são o mais grato, inexpugnável refúgio da prudência” (Idem, p. 2). Carlos Fernandes reafirmava, assim, uma opinião comum entre aqueles que se interessavam pela teoria de Freud no período, que seria um questionamento sobre seu valor tanto científico quanto terapêutico: se seu objeto eram questões “imateriais”, manifestações do espírito, seria melhor que a metafísica e/ou a religião se debruçassem sob tais fenômenos.

Mas a psicanálise não sofria somente com dúvidas sobre seu caráter científico, como também pelo aspecto realista com que tratava a condição humana, conforme retratava uma reportagem no jornal *Gazeta de Notícias*: “Há livros que deveriam trazer na capa a advertência “perigo”, como os frascos que contém veneno. Entre esses está a psicanálise do professor Freud” (Editorial, 1923, 1 de dezembro, p. 4). A reportagem ressaltava que a divulgação da psicanálise constituía um perigo para toda a coletividade porque não tratava “apenas das aberrações de um número limitado de psicopatas mas da humanidade inteira, revelando-nos coisas que, no íntimo todos sentíamos há muito, mas que ninguém teve coragem de confessar nem a si próprio” (Idem, p. 4). A matéria afirmava que, apesar do abalo que causava à moral pública, a teoria de Freud trilhava um caminho sobre a psicologia humana bem diferente da que havia sido trilhada até então.

A realidade era que a teoria de Freud passava a ser notícia corriqueira no jornal, circulando cada vez mais também a um público que não o médico. Ao ponto da psicanálise já ser tachada em 1924, por exemplo, como a teoria “da moda” (Editorial, 1924, setembro, p. 30). O editorial do *Jornal América Brasileira* deixava claro, também, que a teoria dos sonhos, dos lapsos da vida cotidiana, a enorme influência que tal teoria exercia na literatura norte-americana e inglesa, demonstrava que “Freud ainda é e será tomado a sério, malgrado a fúria dos seus inimigos” (Idem, p. 30).



Essa “fúria” estava ligada não somente ao que a psicanálise revelava – as verdades que “não se queria revelar nem a si próprio” – como também a incompreensão de sua técnica devida principalmente a sua complexidade, conforme vários autores ressaltaram. A ponto de se noticiar na Inglaterra, no ano de 1926, o primeiro caso de um “suicídio psicanalítico”. No Rio de Janeiro, tal notícia era reproduzida com o subtítulo: “Medicina que mata” (Editorial, 1926, 7 de março, p. 3).

A notícia do jornal *Gazeta de Notícias* veiculava que a Inglaterra estava alarmada com o suicídio do advogado Frank Armitage, de 23 anos, que teria se matado após o tratamento por um especialista em psicanálise. O médico da família do advogado havia declarado à polícia que o jovem lhe contara poucos dias antes que se sentia degradado quando recebeu o tratamento psicanalítico. Tal médico era taxativo: “A causa da morte do jovem Armitage é a psicanálise” (Idem, p. 3). Apesar de admitirem que a psicanálise em certos casos pudesse chegar a resultados positivos, os médicos peritos que acompanhavam o caso afirmaram ter conhecimento de que a psicanálise seria uma “arma perigosíssima e que poderia agravar o sofrimento de que a pessoa padece” (Idem, p. 3). Essas acusações fizeram com que adeptos da psicanálise na Inglaterra também fossem ouvidos na reportagem. De modo geral, eles procuravam desqualificar a opinião dos peritos afirmando que estes “não eram especialistas mas diligentes práticos em geral” (Idem, p. 3), sendo que suas opiniões baseavam-se em questões pessoais e disputas profissionais.

Podemos ter uma ideia da repercussão desta notícia num artigo publicado no Jornal *O Paiz* no mesmo ano de 1926, assinado por *Chrysanthème*²². A autora dizia que a psicanálise poderia desvendar as intrincadas dificuldades dos relacionamentos e “revelar mentalidades interessantes, originais e curiosas” (Chrysanthème, 1926, 13 de abril, p. 5). De acordo com ela, já seria possível constatar pelo viés psicanalítico, por exemplo, que os homens seriam “o sexo rancoroso por excelência” e as mulheres o “sexo cândido e fervoroso em suas paixões” (Idem, p. 5).

Para a escritora, seria necessário despertar para um novo tempo que surgia, um tempo que poderia ser vislumbrado também pela “ótica da ciência psicanalítica”, propício para se assumir relações harmônicas e usufruir direitos iguais, tanto para maridos quanto para esposas. Seria necessário, enfim, deixar para trás um tempo onde “os maridos e as amantes deixavam as mulheres sem um tostão – e o que é mais grave – a inexistência de um código de

²² *Chrysanthème* era o pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Melo, que foi uma escritora, durante as décadas de 1920 e 1930, que discutiu a respeito da necessidade feminina em se instruir profissionalmente, a fim de alcançar a independência financeira e sua emancipação (Mancilha, 2011, p. 7). De acordo com a historiadora Virgínia Mancilha, Cecília assumiu no jornal *O Paiz* o espaço que fora de sua mãe, Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, que desenvolveu uma “carreira literária de prestígio atuando, principalmente, na grande imprensa, pela qual reivindicava, por meio de suas crônicas, um novo lugar para a mulher na sociedade” (Idem, p. 8). O pseudônimo Chrysanthème, escolhido por Cecília, era o nome de uma personagem feminina do romance francês de Pierre Loti, intitulado *Madame Chrysanthème*, escrito em 1887 (Idem, p. 8).



lei que proteja essas abandonadas e castigue os facínoras dessa espécie” (Idem, p. 5). Se todos os indivíduos, intelectuais ou não, assumissem a tarefa de observar a realidade através da psicanálise e intervir de fato nas questões sociais, cotidianas, apontava *Chrysanthème*, “o que se revelaria seria mais horrendo, estou certa, do que o entrevisto no subconsciente daquele advogado, doutor Armitage, que não resistiu à degradação acusada” (Idem, p. 5).

A matéria de *Chrysanthème* (1926, 13 de abril) chamava atenção para a possibilidade de leitura da sociedade através das lentes da psicanálise, o que poderia levar a uma visão, segundo ela, de uma “realidade horrenda”, tal qual a enxergada pelo jovem advogado. Mas o interesse de sua matéria era mesmo reforçar a visão de que, a partir da ótica psicanalítica, seria possível fazer com que a relação entre homem e mulher se tornasse parilha e igualitária, o que reafirmava sua busca pela emancipação da mulher e de sua independência financeira.

Indo um pouco mais além, o que parecia estar se admitindo nas reportagens e matérias veiculadas nos jornais seria a possibilidade de se inserir a psicanálise tanto no espaço privado do lar quanto na perspectiva mais ampla do convívio social, a fim de melhor se conhecer a “natureza humana” e a melhor maneira de controlar os impulsos dos indivíduos. Os doutores Veiga Lima e Carlos Fernandes admitiram, por exemplo, que a psicanálise era um método que tornava possível ao médico vasculhar a “alma do paciente” e arrancar os desejos e “pensamentos impuros” que lhe perturbariam a vida moral. Os editoriais dos jornais traziam o fato de que a psicanálise poderia ser um perigo, “um veneno” que revelava coisas que no íntimo todos sentiam “mas que ninguém havia tido coragem de confessar nem a si próprio”. Mais ainda, os editoriais ressaltavam que a divulgação da psicanálise constituía um perigo para toda a coletividade porque não tratava “apenas das aberrações de um número limitado de psicopatas, mas da humanidade inteira”. Esse perigo poderia ser exemplificado no caso do jovem advogado Armitage, lembrado por *Chrysanthème* (1926, 13 de abril) como o jovem que não resistiu à realidade encontrada em seu subconsciente através do tratamento psicanalítico.

Considerações finais

Apesar da apropriação que esses médicos, intelectuais, jornalistas e veículos da imprensa faziam da psicanálise, a diferença entre suas apropriações e as dos médicos psiquiatras cariocas do período se encontra em dois aspectos cruciais. Primeiro, no fato da *geração* de psiquiatras-psicanalistas cariocas (Castro, 2015) terem realizado uma leitura psiquiátrica da psicanálise que se pretendeu científica e especialista, e não voltada para a divulgação laica, como a que fora expressa nos jornais por médicos e intelectuais (como Veiga Lima e Carlos Fernandes). O outro aspecto, mais específico, foi que os psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro se diferenciavam não somente pela criação de uma “logística”



para desenvolver um discurso uníssono, onde a psicanálise seria o fio condutor de um projeto de intervenção na sociedade, como também para sua utilização em terapêuticas individuais e novos caminhos profissionais (como a abertura de ambulatórios e consultórios, criando um campo mais promissor e amplo para os psiquiatras).

Para tal intuito, seria criado todo um aparelhamento para que tais psiquiatras desenvolvessem seus trabalhos a partir do viés psicanalítico. Isso se daria não somente pela busca de um local próprio de discussão e desenvolvimento como também (e principalmente) pela possibilidade de dar continuidade a um processo de institucionalização da psicanálise no meio médico e científico carioca, tornando-a de fato uma ferramenta da ciência médica aprovada e aceita pelos pares. Foi a partir dessa perspectiva que no ano de 1926 os psiquiatras institucionalizaram a psicanálise através da instalação de uma clínica psicanalítica dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental (Castro, 2015). Além disso, com a criação em São Paulo da Sociedade Brasileira de Psicanálise no ano de 1927, se criaria uma seção dessa sociedade no Rio de Janeiro, em 1928 (que viria a se tornar a sede dessa mesma Sociedade). Haveria, também, uma tentativa de se institucionalizar a psicanálise no meio educacional, através das iniciativas do psiquiatra Julio Porto-Carrero junto à Academia Brasileira de Educação. E, por fim, a psicanálise iria se inserir no ensino médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde seria possível aos estudantes realizarem a especialidade em psicanálise, cuja inserção na grade curricular havia se dado em 1931 (Castro, 2015).

Referências

- Almeida, R. C. (1995). *A higienização da psicanálise: um projeto dos leitores de Freud no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- Birn, A-E. (2006). The national-international nexus in public health: Uruguay and the circulation of child health and welfare policies, 1890-1940. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 13(3), 675-708.
- Castro, R. D. (2015). *A sublimação do id primitivo em ego civilizado: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Jundiaí, SP: Paco.
- Chrysanthème (1926, 13 de abril). A semana. *Jornal O Paiz*, 5. Recuperado em 23 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&PagFis=24997
- Editorial (1920, 30 de maio). *O Paiz*, 5. Recuperado em 5 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_05&PagFis=19
- Editorial (1922, 29 de março). *O Paiz*, 4. Recuperado em 6 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_05&PagFis=9164



- Editorial (1923, 1 de dezembro). *Gazeta de Notícias*, 4. Recuperado em 12 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&PagFis=10530
- Editorial (1924, setembro). *Jornal América Brasileira*, 30. Recuperado em 17 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=158089&PagFis=1026
- Editorial (1926, 7 de março). *Gazeta de Notícias*, 3. Recuperado em 27 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&PagFis=18373
- Facchinetti, C. & Castro, R. (2015a). Die Psychoanalyse als psychiatrisches Werkzeug: die rolle Juliano Moreira (1900-1930). Em C. Santos-Stubbe, P. Theiss-Abendroth & H. Stubbe (Org.s). *Psychoanalyse in Brasilien: historische und aktuelle Erkundungen* (pp. 85-112). Gießen, Alemanha: Psychosozial-Verlag.
- Facchinetti, C. & Castro, R. (2015b). The historiography of psychoanalysis in Brazil: the case of Rio de Janeiro. *Dynamis (Granada)*, 35, 13-34.
- Facchinetti, C. & Ponte, C. (2003). De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, 7(11), 59-83.
- Facchinetti, C. & Muñoz, P. F. (2013). Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 20(1), 239-262.
- Fernandes, C. D. (1925, 5 de dezembro). A psicanálise. *Jornal O Paiz*, 1-2. Recuperado em 21 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&PagFis=23537
- Freitas, P. (2008) A propaganda junto aos médicos: os anúncios nas primeiras décadas de publicação da Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia. *Caderno Espaço Feminino*, 20, 157-182.
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. Em S. Freud. *Edições standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 15-75). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Galvínio, A. S. (2012). Intelectuais e impressos: considerações sobre os textos educacionais do paraibano Carlos D. Fernandes. Em *Anais do Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas, IX* (pp. 197-213). João Pessoa: UFPB.
- Garcia, R. A. (2010). *A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: higiene mental e a criança problema*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Maior, M. C. (1994). Afrânio Peixoto: uma trajetória médica. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 1(11), 75-81.



- Mancilha, V. (2011). Nos caminhos da emancipação: as mulheres nas páginas da Revista Feminina e nas campanhas pelo trabalho, voto e instrução (1920-1930). Em *Anais do Seminário Nacional & V Seminário Internacional Mulher e Literatura, XIV* (pp. 1-10). Brasília: UNB.
- Medeiros e Albuquerque, J. (1919). A psicologia de um neurologista: Freud e as suas teorias sexuais. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, IX.
- Medeiros e Albuquerque, J. (1922). *Graves e Fúteis*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro.
- Melloni, M. T. (2009). *O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ.
- Moreira, J. (1920). O pan-sexualismo na doutrina de Freud, pelo Prof. Franco da Rocha. *Brazil Medico*, 34(23), 365-267.
- Oliveira, C. L. M. V (2001). *L'implantation du mouvement psychanalytique à São Paulo*. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Sociétés Occidentales - temps, espace & civilisation, Université Paris VII - Denis Diderot, Paris, França.
- Pacheco Filho, R. & Antunes, M. A. (2001). Francisco Franco da Rocha. Em R. H. F. Campos (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil* (pp. 326-328). Rio de Janeiro: Imago.
- Peixoto, A. (1923). *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*. São Paulo: Companhia Nacional.
- Peixoto, A. (1933). Prefácio. Em A. Ramos. *Freud, Adler, Jung: ensaios de psicanálise ortodoxa e herética* (pp. 5-8). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Peixoto, A. (1933, 3 de março). *Carta a Arthur Ramos*. (Disponível na Localização I-36,01,2092 da Coleção Arthur Ramos da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ).
- Penna, A. (2001). Arthur Ramos de Araújo Pereira. Em R. H. F. Campos (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Perestrello, M. (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pinto, G. A. (1914). *Da psicoanalise: a sexualidade das neuroses*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Plotkin, M. B. (2009). Psicoanálisis y habitus nacional: un enfoque comparativo de la recepción del psicoanálisis en Argentina y Brasil (1910-1950). *Memoria y Sociedad*, 13(27), 61-85.



- Ponte, C. F. (1999). *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ.
- Porto-Carrero, J. (1934). Conceito e história da psicanálise. Em J. Porto-Carrero. *Ensaio de Psicanálise* (2a ed., pp. 9-32). Rio de Janeiro: Flores & Mano. (Original publicado em 1928).
- Productos do Laboratório de Biologia Clínica. (1942). *Arquivos Rio Grandenses de Medicina*, 20(3). Recuperado em 18 de julho, 2013, de seer.ufrgs.br/index.php/riograndemed/article/view/34797/22410
- Rocha, F. (1920). *O pansexualismo na doutrina de Freud*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trad.s). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Russo, J. (2005). Julio Porto-Carrero: a psicanálise enquanto processo civilizador. Em J. Russo, L. F. Duarte & A. Venancio (Org.s). *Psicologização no Brasil: atores e autores* (pp. 125-137). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Sá, M. R., Benchimol, J., Kropf, S., Viana, L. & Silva, A. F. C. (2009). Medicina, ciência e poder: as relações entre França, Alemanha e Brasil no período de 1919 a 1942. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 16(1), 247-261.
- Sagawa, R. (1989). *Os inconscientes no divã da história*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Stubbe, H. (2011). *Sigmund Freud in den Tropen: die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt (1914)*. Aachen, Alemanha: Shaker.
- Veiga Lima, C. (1921, 16 de julho). Consultório Médico. *Revista da Semana*, 34. Recuperado em 22 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&PagFis=1040
- Veiga Lima, C. (1922, 11 de novembro). Consultório Médico. *Revista da Semana*, 47. Recuperado em 22 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&PagFis=3577
- Veiga Lima, C. (1923, 22 de setembro). Consultório Médico. *Revista da Semana*, 41. Recuperado em 22 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&PagFis=5534
- Veiga Lima, C. (1924a, 23 de fevereiro). Consultório Médico. *Revista da Semana*, 42. Recuperado em 22 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&PagFis=6519



Veiga Lima, C. (1924b, 9 de agosto). Consultório Médico. *Revista da Semana*, 46. Recuperado em 22 de março, 2013, de memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&PagFis=7589

Venancio, A. T. A. (2005). As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 36, 59-73.

Zimmermann, J. (2002). Do hospício ao divã: a história da psicanálise no Rio Grande do Sul de 1928 a 1963. *Revista de psiquiatria*, 24(3), 296-304.

Nota sobre o autor

Rafael Dias de Castro é doutor em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz (COC / Fiocruz). Atua como professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG - Unidade Carangola). E-mail: castro_rd@yahoo.com.br

Data de recebimento: 07/05/2015

Data de aceite: 16/05/2016